

Mapeamento do Edifício das Fundações: uma construção estética e poética no espaço [Ensaio]

Marcus Vinícius de Souza Santos

Tomar a cidade como a própria obra de arte e não como merò suporte para a intervenção é recorrente em nossas perambulações artístico-poéticas pelo espaço urbano. Prática de deriva urbana. Apropriação do espaço urbano através da ação do andar sem rumo. São as diferentes ações, improvisações, intervenções e apropriações do espaço urbano que reinventam esses espaços no seu cotidiano.

“O conceito de deriva está indissolúvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos da natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio.”¹

Apropriamos-nos de forma crítica dos espaços percorridos através do olhar artístico, da apreensão subjetiva e objetiva produzindo registros, anotações, mapas, textos e, posteriormente, propondo novas relações com esses lugares e redesenhando a postura do artista em face da complexidade da realidade do espaço.

Desde meados do século XX, a cidade é tomada como campo de investigação estética de artistas e coletivos de artistas, produzindo experimentações no espaço e um crescente interesse nas relações entre arte e vida cotidiana. Assim, a cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é

vivida, experimentada. Os espaços são experimentados e apreendidos quando são percorridos e os praticantes da cidade lhe dão corpo e vida pela simples ação de deambular por ela.

O filósofo Michel de Certeau² compara o ato de andar na cidade com a formulação de um discurso. Esse ato, à primeira vista desprovido de significados, além dos seus objetivos aparentes, como passear ou ir a determinado local, está imbuído de pequenos ritos, fantasias, insere-se numa rede simbólica. Portanto, a experiência do movimento do corpo no espaço articula outros tempos, resgata memórias que acompanham os ritmos dos passos. O imaginário se atualiza nos percursos urbanos. É aí que o passo dá o ritmo de leitura desse texto simbólico de conteúdo individual e também coletivo.

Como então pensar a relação da arte com um espaço que não é mais o espaço limitado de museus, galerias, eventos ou o espaço que é tradicionalmente atribuído para a sua ação? Como pensar a arte em relação ao espaço onde vivemos?

Para falar de forma mais concreta sobre as relações com os lugares e suas múltiplas ressonâncias, vamos apresentar um processo iniciado em outubro de 2006. Esse mapeamento é uma investigação na qual buscamos nos debruçar sobre uma situação geográfica determinada na cidade de Vitória, no

Espírito Santo, buscando levantar a potencialidade artística deste espaço, através de registros fotográficos e audiovisuais.

O Mapeamento do Edifício das Fundações: uma construção estética e poética no espaço, título geral de nossa pesquisa atual, abre nossa prática para a infinidade de conexões decorrentes dessas percepções. Como percebemos o espaço de onde vivemos e como ele interage com nossa sensibilidade? O que guardamos das experiências ocorridas nesses espaços? Como elaborar a memória das transformações desse espaço? Como articular a tensão entre o âmbito do individual e da subjetividade com o espaço público? Qual a contribuição que a arte pode dar a esses problemas?

O lugar escolhido é o Edifício das Fundações “Professora Georgina Ramalho”. O imóvel construído na década de 1970, pelo Governo do Estado do Espírito Santo e pela antiga FESBEM - Fundação Espírito Santense de Bem-Estar do Menor, hoje ICAES - Instituto da Criança e do Adolescente, abrigou alguns órgãos do Governo do Estado e a Galeria Homero Massena, que até os dias atuais funciona no térreo do edifício. De 1986 a 2000, o edifício abrigou os gabinetes dos deputados da Assembléia Legislativa do Espírito Santo e a sede da TV Educativa. Em meados de 2000, quando a Assembléia Legislativa mudou para um novo endereço na Enseada do Suá e a TV Educativa para o Centro Cultural Carmélia Maria de Souza, o edifício foi doado, por 25 anos, à AFPES - Associação dos Funcionários Públicos do Espírito Santo. Em setembro de 2003, alegando indisponibilidade financeira para realizar reformas e posterior ocupação, a AFPES formalizou a devolução de posse do edifício ao Governo do Estado.

Antes da devolução, o Edifício das Fundações foi invadido e habitado por vândalos que o depredaram e saquearam as instalações elétricas e hidráulicas, comprometendo o funcionamento do edifício uma vez que as fiações, tomadas e interruptores, além de esquadrias, torneiras, vasos sanitários e lavatórios foram destruídos, quando não levados pelos invasores. Após vistorias dos órgãos competentes, verificou-se que a estrutura do prédio está em bom estado, não sendo observado trinca ou ferragens expostas, que poderiam comprometer a segurança do local.

Decidimos então, em outubro de 2006, iniciar a busca de prospectar o espaço mapeando os conflitos entre subjetividade do artista e os vários jogos que compõem a realidade de uma cidade.

Iniciamos a nossa perambulação a partir da situação em que o edifício se encontra atualmente: em completo estado de abandono, depredado, sem vigilância e sem ocupação, incluindo todo o entulho que se encontra no interior. Durante o mapeamento pudemos observar as várias tentativas efetuadas pela SEPLOG - Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão, atual administradora do imóvel, para impedir novas invasões e saques, como tapagens de buracos com tijolos e madeiras.

O edifício é como uma ferida aberta no corpo da cidade. Atualmente, ele sustenta as tensões do esvaziamento e do abandono. Apenas os dois primeiros pavimentos do edifício são utilizados, sendo esses espaços a Galeria Homero Massena e o Anexo 01, restaurado recentemente para abrigar um espaço para palestras, workshops e oficinas.

Tomei conhecimento em 2004, da ação do Coletivo Maruípe que havia lançado um olhar para o prédio realizando uma série de intervenções artísti-

cas, ação que veio ao encontro de problemas que eu também me colocava. Os artistas do coletivo realizaram uma exposição na Galeria Homero Massena, aonde o espaço expositivo ia além da galeria e chegava ao entorno, tornando-se visível e integrando-se ao próprio prédio, logo acima. A intenção era tratar o edifício como volume único, buscando nele evidências particulares, transformadas pela ação do tempo sobre a própria matéria.

O Edifício das Fundações possui ao longo de seus 11 pavimentos, incluindo a casa de máquinas, vistas de grande potencial artístico e estético. Outrora, por ele circulavam importantes figuras da política e das artes do Espírito Santo. Hoje, expõe de maneira crua o descaso do Estado com o patrimônio público. Inquieta-nos constatar a indiferença com a qual os habitantes próximos ao edifício relacionam-se com ele. Perguntamos-nos de que forma os transeuntes que ali depositam seus olhares poderiam contribuir a uma consciência capaz de alterar o destino do edifício.

Esse processo de mapeamento do edifício em desuso é uma ação de intervenção urbana com grande poder de significação, no sentido de que impõe ao debate público questões acerca dos usos e padrões de ocupação, fazendo-nos pensar em formas mais duradouras de recuperação da vitalidade do edifício, para além do incipiente embelezamento superficial das fachadas. Chamar a atenção para uma grande e bela área desocupada no centro da cidade, nos trouxe um alerta para o amplo espectro de questões culturais, históricas e econômicas que compõe a natureza da cidade.

Os encontros com o edifício proporcionaram-nos efetivamente um melhor conhecimento da área. O mapeamento cognitivo, as observações, os regis-

tros fotográficos, assim como as informações sobre o histórico do Edifício das Fundações foram aos poucos formalizando um ato de investigação. Praticávamos com prazer e disponibilidade de espírito o lugar. Atentos aos métodos utilizados nos “trabalhos práticos” por Georges Perec no livro “Espèces d’espace” - repertório de suas andanças em Paris nos anos 70 -, gerávamos em nós condições próprias para olhar o edifício, que se mostraram fundamentais.

“Observar a rua, de tempos em tempos, talvez com uma preocupação sistemática.

Aplicar-se. Tomar seu tempo.

(...) anotar o que se vê. O que se passa de notável. Sabe-se ver o que é notável? Há algo que nos assuste? Nada nos assusta. Nós sabemos ver.

A rua: tentar descrever a rua, do que é feita, a que serve. As pessoas nas ruas. Os carros. Qual tipo de carros? Os prédios: notar que alguns são mais confortáveis, mais sofisticados; distinguir os prédios residenciais e os prédios oficiais.

(...) Não olhamos nada ainda, só assinalou-se o que há muito tempo já havíamos assinalado.”³

Ficamos atentos também para algumas observações feitas por Paola Berenstein Jacques em seu texto “Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade”

“Os praticantes das cidades atualizam os projetos urbanos, e o próprio urbanismo, através da prática dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as diferentes ações, apropriações ou improvisações, dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano.”⁴

Todos os momentos vivenciados no interior do edifício marcaram bastante o nosso imaginário. Nossa proposta era explorar todos os pavimentos e coletar impressões sobre o edifício. Quando fomos confrontados com a complexidade do problema e com a riqueza do assunto ficamos de certo modo emudecidos, condição interessante quando se está iniciando uma prospecção.

Há algo de imponente na fachada do velho prédio, beleza madura de quem está ali há muito e já viu de tudo um pouco. Ainda que seu cinza encardido – o uniforme gelado que veste os prédios de toda metrópole – guarde semelhanças com as construções vizinhas, já na fachada ele é diferente. Não há como errar o endereço. Rua Pedro Palácios, 99.

Uma espiada da rua, e o interior deixa-se entrever. Escadas. Longas escadas. Ruidoso, é quase um ímã, num entorno tão soturno (carros, carros, carros, prédios, carros, carros, prédios, carros). Diante da porta, noções como público e privado sofrem deslocamentos rápidos e confusos. Hesitação. Mas a placa convida à entrada: “Galeria de Arte Homero Massena”. O prédio se abre para todos que queiram conhecer as experiências artísticas desenvolvidas na contemporaneidade.

Transposto o portão de ferro e alguns lances de escada depois, a recepção é por conta de muito entulho, que transborda da entrada do 3º andar. Basta olhar em volta: vencida a primeira entrada, estão por toda parte. Edifício ocupado. Muito trabalho para os pombos e ratos. O elevador que outrora serviu aos passantes é hoje cenário de portas fechadas; ao invés de passagem, o que se tem é o impedimento.

A cidade de Vitória é vista das janelas: tudo se volta para fora, dá para a rua, lança-se para longe. A luz atravessa os andares elevados, deixando esses

espaços ainda mais devassados. Em meio ao caos urbano propomos a criação de um espaço para reflexão e introspecção.

O mapeamento não tem como objetivo resolver o problema físico do Edifício das Fundações, mas sim, dar visibilidade para tal, usando uma ação de intervenção artística como meio. Por meio da intervenção, a cidade e a população terão a oportunidade de refletir e debater o problema.

O espaço está em constante transformação e a intervenção está na relação que essas pessoas têm com ele, a maneira que elas se relacionam. Qual é a sensação que esse edifício causa e quais seriam as sensações que poderia causar se as imagens fossem mais agradáveis? Despertamos nas pessoas a real relação que elas têm com aquele lugar?

Considerações parciais

Ao longo dessas visitas ao prédio, o mapeamento começou a colocar em prática algo ao que inicialmente e sutilmente estava destinado: desempenhar o papel de catalisador para propiciar a interação entre diferentes percepções e iniciativas a partir de um mesmo espaço público; agir como proponente e estimular outras idéias, outros usos e valores para esse espaço. O Mapeamento do Edifício das Fundações não produz necessariamente um objeto, mas é uma proposta em andamento, sem prazo definido para terminar e que pode utilizar diversas formas e atividades individuais ou coletivas: encontros, palestras, vídeos, textos, publicações, exposições e conversas. Ela pode ser pensada como um conjunto aberto e em expansão de ações e de olhares sobre esses 3,700,00 m² na cidade de Vitória.

Mapeamento do Edifício das Fundações é uma

proposta de artista, mas que não fica limitada ao âmbito artístico, como o conhecemos comumente. Esse projeto endereça-se ao público em geral e expõe a mobilidade da arte no campo da sociedade. Ao introduzir processos de conscientização e de responsabilidade com os processos artísticos, ao produzir novas experimentações por meio de proposições abertas e da apreensão espacial subjetiva, essa ação busca fomentar iniciativas que nos permitam tocar esse e outros espaços do contexto social e urbano. Subjetividades fundindo o artista no cidadão, exercendo a *polis* e a verdadeira crítica, acolhendo as mais diversas formas de ser e de existir e construindo uma nova ética nas relações.

Notas

Marcus Vinícius de Souza Santos é graduando do curso de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Artista, professor, integrante do Coletivo Entretantos e do CORO [Coletivos em Rede e Ocupações] e organizador do projeto de ações e intervenções urbanas multiplíCIDADE.

¹Guy Debord, IS2, dezembro de 1958.

²CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

³ Georges Perec, *Espèces d'espace*, Paris, Galilée, 1974. (Tradução Mariana S. da Silva)

⁴JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, Henri Pierre e JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Corpos e cenários urbanos*. Salvador: EDUFBA, 2006.

Referências

BASBAUM, Ricardo. O papel do artista como agenciador de eventos e fomentador de produções frente à dinâmica do circuito da arte. In: CEIA Centro de Experimentação e In-formação de Arte. *O Visível e o Invisível na Arte Atual*. Belo Horizonte: CEIA, 2002.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JEUDY, Henri Pierre e JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Corpos e cenários urbanos*. Salvador: EDUFBA, 2006.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano*. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

_____. *Paulo Bruscky: arte, arquivo e utopia*. São Paulo: Companhia Editora do Pernambuco, 2006.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: SENAC, 1996.

IS. *Situacionista, teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002.

VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad, 2002.